

BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR S.C.



TOMO XVI

Agosto de 1975

Nº. 8

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Dr. Jucy Varela - Caçador

Bluménau

em Ladernos

T O M O X V I

AGOSTO DE 1975

Nº. 8

1875 — Os Primeiros Anos da Colonização Italiana nas Colônias Itajahy — Brusque e Príncipe Dom Pedro —

AYRES GEVAERD

Do Conselho Municipal de Cultura

A administração Dr. Luiz Betin Paes Leme encontrava-se em pleno trabalho de recuperação das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, quando começaram a chegar ao Vale do Itajai-Mirim, os primeiros colonos italianos.

Em 1867 deixava, para sempre, a Colônia Itajahy — Brusque o seu primeiro diretor, o Barão Maximiliano de Schnéeburg. A 15 de fevereiro desse ano instalava-se a Colônia Príncipe Dom Pedro, com sede na confluência do ribeirão das Águas Claras com o rio Itajai-Mirim, cuja direção foi entregue ao Dr. Barzillar Cottle. Seus primeiros colonos eram irlandeses, oriundos dos Estados Unidos; em seguida franceses e em menor número, poloneses. Essa Colônia era popularmente conhecida por “Colônia dos Irlandeses”, desde sua fundação.

Infelizmente, o elemento destinado à colonização de seu território, não correspondeu. Avessos às lides da lavoura, tanto irlandeses como franceses tornaram-se “pensionistas do governo”, passando à ociosidade.

Suas queixas, questões pessoais, de terras, religiosas e o que foi pior, tumultos que a própria direção colonial custava a dominar, estenderam-se à Colônia Brusque. A chegada de novos colonos em 1868, das mesmas nacionalidades, a maioria solteiros, maltrapilhos, para as duas Colônias, veio agravar a situação.

Brian Lanktree, irlandês, residente em Teresópolis, em recente correspondência, esclarece a conduta de seus compatriotas: “É claro e evidente que nem sempre se consegue trazer para o Brasil os imigrantes que

melhor se adaptam a agricultura. O caso dos irlandeses é o melhor exemplo pois a maioria era de soldados ou ex-soldados treinados para empunhar uma arma e não uma enxada! Encontrei o mesmo problema em Taperoá, Bahia, onde a Colônia Santa Januária fracassou por tratar-se exclusivamente de soldados a serviço do Imperador, sem conhecimento algum nem interesse em trabalhar a terra! Daí que me perguntaria que fim levaram os irlandeses que lutaram com Simon Bolívar e San Martín. Tiveram atuação destacada na libertação dos países da costa Pacífica e depois desapareceram”.

As administrações, efetivas, provisórias e interinas que se sucederam, foram incapazes, apesar de bem intencionadas. Em princípios de 1870, a Colônia Príncipe Dom Pedro, havia fracassado sendo todo seu território anexado ao de Brusque. A 31 de julho de 1873, pela Lei Provincial n° 693 o território das duas Colônias foi desmembrado da Freguezia do S. S. de Itajahy, formando nova Freguezia com a denominação de São Luiz Gonzaga.

A chegada de Luiz Betin Paes Leme em princípios de 1872 foi, pois, providencial. Engenheiro civil, altamente capacitado, dinâmico, honesto e imparcial, logo que chegou, agiu com severidade evitando nova perturbação da ordem, possibilitando objetivação do plano que previamente estudara: 1º.) Término da estrada ligando a Colônia a Itajahy; 2º.) Estrada para o Vale do rio Tijucas possibilitando a definitiva colonização de suas terras e futura ligação com a capital; 3º.) novos caminhos em demanda de áreas devolutas das Colônias; 4º.) proporcionar a colonos, sem prejuízo da lavoura, trabalhos oficiais remunerados. Fundou a Associação Agrícola das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro e realizou quatro exposições de produtos agrícolas e manufaturados, com repercussão na Província, tanto que, numa delas, as Colônias receberam a visita do Presidente da Província e de outras autoridades provinciais. Iniciou a construção das Igrejas católica e evangélica e inaugurou a Casa da Diretoria. E foi nesse ambiente promissor, depois de anos difíceis, que começaram a chegar colonos italianos.

x x x

Os primeiros sinais de sua presença nos documentos originais da colonização do vale do Itajai-mirim acham-se em um mapa estatístico correspondente a 1875: População—italianos 18, sendo 13 homens e 5 mulheres, e num telegrama com o seguinte texto: “Estação de Itajahy. 10 de fevereiro de 1875. N° 171. N° de ordem 28. Do Ministério da Agricultura ao senhor Diretor da Colônia Itajahy. Seguem brevemente 200 imigrantes Lombardos; predisponha tudo para seu prompto estabelecimento. Hê gente optima e deve ser tratada com especialidade. Convém que achem tudo prompto e recebam os auxilios de modo que fiquem satisfeitos; é imigração que cumpre animar. São esperados a todo momento. Ass. José Fernandes da Costa Pereira Junior”.

No referido mapa encontram-se registrados 1.114 austriacos, sendo 640 homens e 474 mulheres. Esses austriacos eram da região do Tyrol (Alpes), ao norte da Itália, então pertencendo ao Império Austriaco.

x x x

Infelizmente, dos colonos vindos do Tyrol Austriaco assim como os que se lhes seguiram da região do rio Pó, na planície Lombardo—Veneziana, do Piemonte e dos Apeninos, não se encontram as relações. Neste relato menciono nomes obtidos nas pesquisas feitas nos registros da Igreja Católica, em requerimentos cujos textos mais adiante se encontram e de uma relação de colonos italianos e franceses devedores, em 8 de janeiro de 1876, à Colônia. Achei necessário incluir o texto de alguns documentos, integrais e parciais, procurando formar um quadro do ambiente difícil, de sacrifícios e renúncias pelo qual passaram as primeiras famílias italianas que povoaram nossa região.

x x x

O elevado número de novos colonos que chegavam, constantemente, provocou protestos da Administração Colonial. O Ministério da Agricultura e o Governo Provincial solicitavam do Diretor ampla assistência aos que chegavam. Luiz Betin Paes Leme, por sua vez, dava sugestões para que fosse modificado o sistema de colonização e pedia reforço de verba para possibilitar a sobrevivência dos “novos pensionistas”.

Achava-se então em pleno vigor o famoso decreto nº 5.663 de 17 de junho de 1874 que autorizava a Joaquim Caetano Pinto Junior introduzir no Império, 100.000 imigrantes europeus. Ora, os agentes na Europa ganhavam por colono. O contrato estipulava ser obrigação a escolha de agricultores sadios, laboriosos e moralizados. Entretanto, nem todos correspondiam a essas exigências. A Sociedade Amigos de Brusque possui numerosos documentos com o registro: “Declarou não ser lavrador”.

Interessante transcrever o orçamento aproximado para despesas a fazer com 108 colonos chegados a 4 de junho de 1875:

“Despesa do agente em Itajahy	260\$000
Mantimentos aí fornecidos e transporte da Vila à Colônia	1:350\$000
Comedorias nos primeiros dias da chegada à Colônia	322\$000
Auxílio gratuito para 81 adultos a 20\$000	1:620\$000
Mantimentos para 10 dias, 108 pessoas a 6\$000	648\$000
Casas provisórias, derrubadas, sementes 30 famílias a 50\$000	1:500\$000
Ferramentas agrárias, 30 ditas a 15\$000	450\$000
Transporte para os lotes, 30 ditas a 20\$000	600\$000
Construção de caminhos para os lotes	900\$000
TOTAL	7:650\$000”.

Paes Leme, referindo-se a esse orçamento, foi categórico: “Se S. Excia. o Ministro da Agricultura, recomenda prestar todos os auxílios a que tem direito, cumpra S. Excia. o Regulamento, enviando a importância orçada, sem falta, pelo vapor São Lourenço, no dia 13 do corrente”. E acrescentou: “Cumpre declarar a V. Excia. que aqui me acho sem dinheiro”.

No dia 26 de outubro Paes Leme assim telegrafa ao presidente da Província: “Tenho a honra de participar a V. Excia., que desde o princípio d’este mez, tenho me visto na dura necessidade de recorrer aos negociantes do lugar para atender a algumas das mais palpitantes necessidades d’estas Colonias, sobre tudo para alimentar tão grande numero de co-

lonos novos, a maior parte franceses e italianos, que para nada servem, que nos tem sido enviados pelo Governo. Peço encarecidamente a V. Excia. que sob sua responsabilidade digno-se mandar-me o dinheiro que eu já solicitei, pedido esse que me animo a fazer a V. Excia. certo de que o Governo Geral, justo como hê, não deixará de satisfazer os pagamentos com obras as mais indispensáveis e urgentes e despezas com estabelecimento de novos imigrantes. O empregado d'esta Diretoria, sr. Paulo Schwartzter aguarda no Desterro as ordens de V. Excia".

Se dispusermos, pela ordem, todos os papéis da administração Paes Leme, teríamos a exata história das Colônias no seu tempo!

Luiz Betin Paes Leme jamais usou subterfúgios ou expedientes outros que não fossem francos e objetivos. A franqueza era uma de suas virtudes. Não via com simpatia, e apresentava razões, a entrada de colonos que não tivessem condições de se adaptarem às lides da lavoura. Acusa, frontalmente, os agentes encarregados pelo Governo do Império, de descuidados. E foi mais além: "... por hora a única colonização que nos serve e que tem apresentado em nosso país algum resultado é a germânica, sobretudo a que procede das regiões agrícolas".

O fracasso da Colônia Príncipe Dom Pedro era, então, um doloroso exemplo. O número elevado de colonos italianos sem possibilidade de instalação imediata e que chegavam constantemente, era indício de novo desastre.

O diretor, procurando dar assistência aos colonos ainda não instalados empregava-os na construção de caminhos e estradas, principalmente em demanda ao vale do rio Tijucas e Itajahy-Mirim acima.

Paralelamente com a chegada desordenada de colonos em sua quasi totalidade italianos, novos lotes eram medidos em terras devolutas da ex-Colônia Príncipe Dom Pedro, de preferência na linha Tijucas aonde se fundara novo Distrito Colonial.

Novas levas entraram em fins de 1875.

Paes Leme pediu licença, magoado com a situação que se criara em sua Colônia que tanto custou a reerguer desde que assumiu a direção.

Por outro lado, não bastasse a carência de dinheiro para enfrentar as despesas normais de assistência e instalação, numerosos colonos pediram transporte para regiões mais promissoras, no vale do Itajahy-Açu.

No dia 13 de dezembro, Maximiliano Borrowsky, assumiu inteiramente a direção das Colônias, comunicando em seguida ao Presidente da Província a chegada de 254 colonos novos, tendo o Ministério da Agricultura recomendado, na forma costumeira, a prestação de auxílios a que tinham direito. Borrowsky calculou em 21:860\$000 as despesas e de imediato solicita a remessa de 13 contos de réis para cobrir outros tantos adiantados por negociantes locais e o restante por intermédio da Mesa de Rendas da vila de Itajahy. Cinco dias depois o diretor expediu o seguinte telegrama ao presidente da Província: "Tendo chegado na vila de Itajay 420 colonos italianos, cumpre-me participar a V. Excia. que hé impossivel, por enquanto, receber esta Colônia mais imigrantes. Achão-se na sede

mais de 600 ocupando todas as casas disponíveis e esperando a medição de lotes. Rogo portanto a V. Excia. se digne de avisar ainda hoje, por telegrama ao Agente de desembarque em Itajahy, que todos os colonos chegados devem ser expedidos para Blumenau onde tudo se acha preparado para o prompto estabelecimento e porque também, as últimas remessas de colonos devião ser repartidas entre esta Colônia e a de Blumenau, porem quasi todos virão para cá!"

Como se vê, Borrowsky cansado e desesperado, tentou desviar a carga indicando Blumenau, certamente em melhores condições para instalar em sua vasta região, colonos novos. No dia 20 daquele mesmo mês, mandou outro despacho comunicando casos de varíola e em caráter epidêmico, a disenteria. Tomou as providências que achou necessárias. Acrescentou Borrowsky que a propagação de doenças é inevitável devido ao grande "acumulo de colonos novos" na sede. Mandou construir um rancho a meia légua distante para os 420 colonos que se achavam na vila de Itajahy.

Flagrante era, pois, o erro do Governo Imperial em colonizar determinadas regiões, sem método, sem estudo antecipado, sem condições para integração do imigrante. Os gastos eram enormes atingindo cifras cujo montante dificilmente pode ser levantado. Não é conhecida no Brasil outra Colônia cujos gastos atingiram à de Brusque,

Compreensível o descontentamento, o desencanto, o profundo desgosto do imigrante italiano ao encontrar tantas dificuldades, quando a imagem levantada pelos agentes coloniais era completamente diferente. Cedo conheceram o desespero ao entregarem à terra seus próprios filhos vitimados pelas moléstias e os desacertos do Governo.

O Natal de 1875 do nosso Diretor interino em face do que ocorria em sua Colônia, não poderia ser bom. Tampouco o dos colonos antigos e novos superlotando a sede. Borrowsky, como muito bem salientou Oswaldo Rodrigues Cabral, sentiu saudades dos serviços de secretário que exercia há 15 anos, ansiando por um novo Diretor.

Mesmo assim cuidou de conseguir junto ao Governo Provincial, a abertura de duas escolas no novo distrito colonial do vale do Tijucas, então com mais de 1.000 habitantes. Uma para italianos e outra para alemães. Os próprios colonos se ofereceram a pagar módica mensalidade por aluno, caso o Governo abonasse uma gratificação mensal de 15\$000 a cada professor. Lembra os professores Frederico Dressel para os alemães e Virgilio Fantini para os italianos.

x x x

As perspectivas para o ano seguinte, 1876, eram as piores possíveis. Melhora temporária somente para Borrowsky quando a 22 de janeiro assumiu a direção das Colônias, o Dr. Olímpio A. de Souza Pitanga. A administração se completava com: Ajudante do Diretor, Antonio Tomé da Silva; Guarda livros, Maximiliano Borrowsky; médico, Dr. Júlio Parigot; Capelães Padres Alberto Gattone e Francisco Cizek; Pastor evangélico, Henrique Sandreczky; Inspetor de estradas, Paulo Schwartz e farmacêutico, Joaquim Caetano da Silva.

Em janeiro a Diretoria procedeu a um interessante inquérito: di-

vidas dos colonos franceses e italianos estabelecidos, não incluindo os italianos chegados em novembro e dezembro findos.

O auxílio que o Governo dava a cada colono solteiro, obedecia ao Regulamento de janeiro de 1867, em pleno vigor:

- 1) Ferramentas.
- 2) 20\$000 auxílio comum.
- 3) 6\$000 para mantimentos.
- 4) 35\$000 para construção de casa própria.
- 5) 10\$000 para derrubadas.
- 6) 5\$000 para sementes.

O lote era vendido ao colono medido e demarcado antecipadamente e com pagamento parcelado.

Pitanga ao assumir encontrou um elevado número de colonos a instalar, pagar e atender com auxílios não especificados.

Como deixar de atender uma multidão que o procurava na esperança de resolver, mesmo a título precário, seus problemas?!! Inclusive pedidos para o exercício de profissões, as mais diversas, como o caso de Maria Conzi, parteira diplomada na Academia de Roveredo no Tyrol. O médico veio em auxílio dessa senhora, recomendando-a para o pleno exercício pois "trabalhava com perfeição". Inclusive solicitou uma cavalgadura, de que necessitava para as longas viagens e ordem de autorizá-la a cobrar 2\$000 por parto sendo de dia, e 3\$000 sendo à noite.

Do esvaziamento da sede cuidou Pitanga. Pediu mais três agrimensôres para ajudar os três já existentes e apressar a medição de lotes, no que foi atendido. Inclusive a nomeação de um intérprete para entender-se com os italianos, que nessa altura já atingiam 1.300 instalados e por instalar na Príncipe Dom Pedro.

Já mencionei que o problema mais crucial era o sanitário. Em janeiro o médico Dr. Otto Rautemberg reclama providências pedindo inclusive a suspensão da entrada de novos imigrantes enquanto durasse a epidemia de "caimbra de sangue" que se desenvolvia. No livro de óbitos da Igreja Católica, somente nos meses de janeiro e fevereiro acha-se registrado a morte de 67 pessoas, sendo 62 crianças e 5 adultos. Pitanga não desistiu. Instalou uma enfermaria provisória, pediu um médico sanitarista e um farmacêutico e com essas providências, poucos meses depois, controlou a situação.

Não consegui o intérprete, no caso, José Locker: Laconicamente o presidente anotou no documento; "Não é possível".

x x x

Ao pedido de 19 alemães para serem aproveitados em serviços públicos, juntaram-se poloneses e italianos. Isso era rotineiro, mas nem sempre havia verbas específicas.

Em março chegaram 328 colonos italianos, com despesas de instalação e alimentação previstas em 25:448\$000. Reflexo do famigerado contrato Caetano Pinto, Aliviar o excesso de habitantes em certas regiões

da Europa transportando-os para outros países, carentes de lavradores e artesãos.

Em maio de 1876, Pitanga desce até o porto de Itajahy para esperar 220 colonos novos vindos com os vapores "Wassimon" e "Leopoldina". O Diretor deve ter ficado muito contente ao saber que esses preferiram a Colônia Blumenau.

O problema entretanto era localizá-los, integrá-los, mas isso não interessava aos Agentes recrutadores. Felizmente, dessa e de outras levas seguintes, muitos imigrantes foram destinados a Blumenau, com boas terras, cousa que não oferecia mais o vale do Itajaí-mirim.

A instalação de italianos no vale do rio Tijucas era preferência de Pitanga. Apesar de todos os males, em maio de 1876 imigrantes tirolezes e lombardos manifestaram-se gratos pelo bom acolhimento recebido do Governo Imperial e de seus agentes dentro e fora do país. O manifesto foi encaminhado ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas por intermédio do presidente da Província. Também em maio o diretor pediu a criação do Distrito de Paz ainda não existente apesar da Lei nº 693 de 31 de julho de 1873 que elevou as duas Colônias à categoria de Freguezia sob a denominação de S. Luiz Gonzaga. Essa providência possibilitaria soluções rápidas das questões atinentes, evitando viagens à vila de Itajaí.

O número de engenheiros e agrimensores foi novamente aumentado e distribuídos nas áreas ainda não demarcadas.

Em outubro chegaram de Gênova pelo vapor "Norte América" 900 italianos dos quais 521 ficaram na Província e o restante seguiu para o Rio da Prata.

O presidente da Província Dr. Alfredo d'Escragnole Taunay embarcou no navio "São Lourenço" para, pessoalmente, cuidar do imediato desembarque.

Em princípios do mês seguinte, novembro, colonos em número não especificado, italianos e franceses, chegaram a Desterro com o transporte "Purus" e distribuídos dias depois pelas Colônias, inclusive Brusque.

Nesse final de 1876 o que houve de importante foi a abertura de créditos especiais para a construção de dois cemitérios na linha Tijucas, uma capela e escolas; 37 colonos da referida linha pediram concessão de terras, pedido não aceito por não serem terras devolutas e outros 33 pediram transporte para o distrito de Porto Franco, por conta do Governo, pedido também negado. Finalmente a visita do presidente Taunay com permanência de alguns dias permitiu-lhe e à comitiva, observar o processo de colonização. Sua visita estendeu-se até ao Alferes, visitando barracões, adornados com folhagens. Na sede, Brusque, foi recebido por muitos colonos que carregavam bandeiras do Brasil, Alemanha e Itália. Os números estatísticos eram os seguintes:

Área das Colônias: 15 léguas quadradas, aproximadamente. Estradas: Brusque-Itajahy, a de Tijucas e outras, totalizando 248 quilômetros.

Lotes medidos e distribuídos: 1.736. Caminhos para carqueiros;

148 quilômetros. População; 8.110 habitantes entre os quais 2.214 austríacos (Tyrol) e 2.098 italianos.

x x x

A Diretoria em face do desordenado afluxo de tirolezes e italianos, cuidando de sua instalação, descuidava de muitos outros aspectos administrativos.

O próprio Ministro da Agricultura põe em relevo o problema: "... apesar do eficiente serviço dos engenheiros na medição de lotes os terrenos devolutos se acham muito distantes, são acidentados e dificilmente aceitos pelos colonos novos. Permanecem assim, a maioria de colonos, com suas bagagens na sede causando problemas de toda a ordem. Convém suspender a entrada de imigrantes nessas colônias fazendo avisar os agentes na Europa". E sugere melhores territórios: "Luiz Alves, no Itajai-açu, Tubarão e Araranguá, com possibilidades de formarem bons núcleos com a corrente italiana que, ao que parece, se dirige quase toda para essas Colônias, Itajahy e Príncipe Dom Pedro, aonde, como se vê, os terrenos bons são escassos. Inevitavelmente cedo ou mais tarde muitas famílias teriam de sair d'aqui em demanda de melhores terras, o que aconteceu. Outra alternativa, a exploração dos territórios do Oeste, subindo a serra, para os Campos Gerais, como o faz presentemente Blumenau. A importante estrada dos "Coritibanos" permitirá a instalação de milhares de colonos em magnificas terras, que se aproximam das da Europa, pela fácil aplicação do arado e também pelo clima".

Não fossem as constantes entradas de novos colonos ou tivessem as autoridades competentes atendido os seguidos apelos das administrações coloniais, pedidos esses iniciados por Paes Leme, muitas vezes em forma de dura advertência, o bem estar dos colonos, integrados em seus lotes, seria perfeitamente satisfatório. A família do colono, razoavelmente instalado, integra-se em seu lote, trabalha, aproveita-o, dedica-lhe amor. Por outro lado há o auxilio do Governco. sob todas as formas dignas: a escola, o médico, o padre. Mas como proceder assim em ambiente carregado e barracões superlotados? Os esforços das diretorias, notadamente os de Pitanga, em cujo período mais imigrantes italianos entraram, foram notáveis, revelando um homem eficiente, controlado, correto. Outro aspecto a ser considerado nesse período da colonização italiana, além de outras em menor escala, de franceses e alemães, por exemplo, era a incerteza: o diretor não recebia aviso da chegada de novos colonos com antecedência necessária de 30 ou 40 dias, dando-lhe tempo para preparar a recepção. Um simples telegrama comunicava que iriam chegar em determinado navio, a Desterro em Itajahy, nova leva de colono.

Em 1877, por exemplo, ano que se iniciava difícil, com sucessivas chuvas e inundações, dando grandes prejuizos ao Distrito de Porto Franco, entraram 302 imigrantes e em fevereiro, pelo navio italiano "Sul America", diretamente de Gênova, mais 467.

Entretanto apesar de todos os aspectos negativos da nossa Colônia, motins, falta de dinheiro público, epidemias, etc. uma coisa o italiano não descuroou: Casamento! Dos 109 registrados em 1877, sómente 8 não eram de casais oriundos da Itália ou do Tyrol Austríaco! A Igreja

católica registrou nos anos seguintes 1878 e 1879 outro número aprecia-
vel, também entre jovens da mesma origem!

Neste relato poucos valores em dinheiro gastos pelo Govêrno com as Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro mencionei: recepção de colonos, medição, demarcação e instalação, viagens, estradas e caminhos, assistência médica, social e escolar, etc. Todos os gastos não é possível, talvez aproximadamente, se alguém se dispuser a pesquisar, e se ainda existirem documentos por aí, perdidos ou esquecidos em Repartições. O Ministério da Agricultura e o Governo Provincial pediam a todo instante moderação nos gastos e inúmeras vezes, aplicavam registro, lacônico: "Não há verba". E os diretores vivendo em constante desespero com a falta de dinheiro. Uma importância, global todavia, é possível lembrar, de conformidade com o Relatório do Presidente João Rodrigues Chaves, em 1880: Despesas com as Colônias atingira até o momento 3.920;089\$843!

x x x

Cada colono recebia determinada importância prevista em Regulamento. O lote recebia-o nas seguintes condições, entre outras, secundárias.

- 1) Medido e demarcado.
- 2) Obrigação de conservar os marcos.
- 3) Plantar e roçar.
- 4) Construir casa.
- 5) Pagamento das prestações previamente marcadas.

O preço por braça quadrada era de 3 réis, preço que se vinha conservando desde a fundação da Colônia. Os títulos de propriedade eram impressos em português, alemão e italiano. Muitos foram os colonos que não puderam satisfazer o pagamento total dos lotes. Há uma extensa lista de italianos e franceses, que não haviam concluído o pagamento, alegando não terem condições.

Colonos dispensados de serviços oficiais e ainda não instalados, sem recursos próprios, recebiam um auxílio especial além do já citado de conformidade com os Avisos de 11 de Janeiro e 7 de Abril de 1876, de 1\$000 por cada chefe de família. Essa resolução deve ter levado muito colono à ociosidade, tornando-o um pensionista do Estado, segundo a original interpretação do Diretor Paes Leme.

A distribuição dos colonos italianos nas linhas coloniais, dentro do território das duas Colônias, foi a seguinte: No vale do rio Tijucas—Nova Trento; no vale do Itajaí-mirim, Porto Franco (Botuverá), Limeira, Nova Itália, Poço Fundo, Ponta Russa, Lageado e Estrada do Pedro.

Não é possível precisar o número exato de italianos entrados nas citadas linhas, pela carência de documentos esclarecedores. Os próprios números 200 - 300 ou 400 anunciados e expressamente recomendados, nunca foram exatos. Muitos, ao desembarcarem em Itajaí, preferiam outras regiões, Luiz Alves, Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros, etc. As notícias de Brusque referentes à sede superlotada e inexistência de boas terras, era simplesmente de desanimar. Daí a procura de terras mais promissoras.

x x x

A assistência espiritual processava-se satisfatoriamente. Para o colono italiano, por exemplo, havia o primeiro vigário Padre Alberto Gattone e o Revdo. Francisco Ciszek. Em abril de 1877 iniciava serviços o Padre Arcângelo Ganarini, autor de uma extensa e interessante Memória escrita em agosto de 1900. Nesse relato o Padre Ganarini dá suas impressões sobre Nova Trento, vida comunitária, e c o n ô m i c a, religiosa, social, etc.

x x x

Quais os primeiros produtos agrícolas do colono italiano? As melhores terras da Colônia Itajahy-Brusque foram aproveitadas pelo colono alemão porque chegou primeiro. Teve seu lote medido e demarcado e havia os pioneiros, latifundiários, donos de extensas terras adquiridas antes de 1860 e logo depois da instalação da Colônia. Anos depois, com a criação da Colônia Príncipe Dom Pedro, o processo foi o mesmo. Boas terras, em disponibilidades, só além do divisor das águas, o morro dos Polacos, na região do rio Tijucas. O processo de integração do italiano, por essa razão e outras, por exemplo, o elevado número de colonos e os serviços públicos, foi moroso. Já citei o abandono de lotes, seguindo-se o da área, para outros lugares. Então, a cultura inicial seria de cereais para sua subsistência. Possivelmente, uma e outra família cuidava da cultura do fumo, aspecto econômico que foi proveitoso para o colono alemão. Os melhores fumos para o nosso clima, segundo o Diretor Dr. Pitanga eram o Havana, o Baden e o Turquia.

A sobrevivência e consolidação do italiano em Príncipe Dom Pedro e parte da Colônia Brusque, seria o engenho de serra. A extensão e a exuberância das matas na região montanhosa do Itajai-mirim, acima, com inúmeros fios de água nas encostas e a proximidade do rio, segurou-os definitivamente. Os engenhos proliferaram a ponto de vários diretores dirigirem memoriais ao Governo Provincial sugerindo medidas para controlar a investida contra as matas.

O aproveitamento de nossas matas, ricas em madeira de lei e qualidade já se processava antes de 1860. Os pioneiros Paul Kellner, Franz Salenthien e Pedro J. Werner eram donos de vastas terras e muitos engenhos. Paes Leme intercedia muitas vezes junto aos próprios donos e do Governo, procurando reduzir os cortes, impedindo o mais possível a multiplicação dos engenhos. Conseguia-o, temporariamente.

A sobrevivência então estava aí, perto, nas matas, sem limites. Era comum afirmar-se, ainda há pouco tempo, que os limites das terras dos donos de engenho era o último pé de canela ou peroba.

A montagem de um engenho não era difícil e não requeria somas elevadas. O Itajai-mirim seria o caminho natural para os centros comerciais pois as frequentes enchentes do rio proporcionavam, com experientes balseiros, a condução de toras e táboas, reunidas em balsas.

Todas as vezes que se escrever sobre a economia brusquense dos tempos coloniais, os primitivos engenhos de serra é parte muito importante.

O calcáreo, inicialmente explorado pelo colono italiano, é outro fator notável de sua fixação na área.

x x x

Não existem, nesse ano de 1877, exatas notícias da entrada de novos imigrantes italianos. Em outubro, dias antes da visita do presidente da Província Dr. José Bento de Araújo, foi determinada a suspensão de serviços e pagamentos, ordem dada pelo Ministro da Agricultura.

A medida afetou seriamente os italianos acumulados na sede, Não demorou, em princípios de novembro, estourou um motim causado pela ordem citada e insuficiência de dinheiro para pagamento de serviços já feitos.

Glodomiro Paredes, substituto de Pitanga, em despacho ao presidente da Província comunica que mais de 500 colonos recusaram-se a receber toda e qualquer quantia que não fosse a dos pagamentos anteriores. O presidente respondeu que a tesouraria tomaria providências e mandou para Brusque o chefe de polícia com 100 praças do 17º batalhão além de oficiais.

A ordem foi restabelecida. Paredes porém, em novo despacho, achou necessária a sua ida à Capital para dar melhores explicações. Tinha esperanças de "comover" o presidente e conseguir o pagamento de 73:733\$514 do orçamento de novembro para pagar aos trabalhadores. Mas o presidente não aceitou receber explicações.

No relatório do presidente Taunay de 2 de janeiro de 1877 há duas citações que espelham os problemas dos colonos italianos: "O contrato Caetano Pinto, com promessas verdadeiramente irrealizáveis, é que os lança no desespero e furor quando não as vêem cumpridas." e "Ogni colono avrà diritto a sei mesi di vitto e d'allogio gratis" (impresso no contrato pelo qual seguem para o Brasil.)

x x x

Em outubro, aproveitando certamente a estada do presidente da Província nas Colônias, colonos italianos, alemães e brasileiros pedem continuidade de serviços públicos. Três documentos firmados por italianos, incluídos neste relato, mostram na simplicidade de seu texto, todo seu desespero e apreensões.

Pitanga, a 20 do referido mês, mais do que nunca, sentindo o maior problema de suas Colônias, insiste junto ao governo Provincial a imperiosa necessidade de restabelecer, pelo menos parcialmente, os serviços públicos.

No fim do período Pitanga-Glodomiro Paredes, a população das duas Colônias era de 11.089 habitantes sendo 9.476 colonos estabelecidos.

Antes de findar 1877, a 10 de dezembro, o engenheiro chefe da Comissão de medição e instalação de imigrantes nas duas Colônias o bacharel Dr. João de Carvalho Borges Júnior, assume a direção. Reconhece o estado delicado em que se encontram esses estabelecimentos coloniais mas nada o deterá no sentido de harmonizar e restabelecer a ordem e a moralidade e realizar as recomendações do Governo Imperial. No dia 4 seguinte

princípios a percorrer os diversos distritos e inspecionar pessoalmente, os trabalhos em construções e serviços públicos feitos pelos colonos italianos, de cuja inspeção daria, mais tarde, contas ao presidente da Província. Deste período, provavelmente o mais difícil e conturbado de quantas administrações houve, infelizmente, poucos documentos existem. Obtive grande parte das notícias do livro de Oswaldo Rodrigues Cabral, "Brusque, subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império", reunidas em um capítulo especial "Os conturbados tempos do diretor Carvalho Borges". Serviram como fontes de consulta ao ilustre historiador, os jornais "A Regeneração", "O Conservador" e "O Despertador", todos da Capital, os quais, frequentemente, comentavam os acertos e os desacertos das duas Colônias.

Acontecimentos e intrigas políticas envolveram, de forma muito desagradável os dirigentes Pitanga e Carvalho Borges, suas respectivas administrações, e o processo de instalação dos colonos italianos cujos desacertos começaram na Europa, nas viagens, nos desembarques e nos serviços públicos.

Prosseguiram, intensamente, os trabalhos dos engenheiros e agrimensores cujo número se alterava constantemente, na medição de lotes; providências urgentíssimas, visando a desafogamento da sede.

Não existem notícias da entrada de muitos imigrantes em 1878. A Desterro chegaram em janeiro dois vapores, o "Sully" e o "Werneck", neste mais de 500 dos quais somente 34 para Brusque e os demais para o Rio Grande do Sul. Não se sabe o número de pessoas que desembarcaram do "Sully".

Na noite de 7/8 de abril de 1878 amotinaram-se alguns colonos residentes na linha do Alferes, atacando a Casa da Diretoria, arrombaram as portas, fazendo disparos. Motivos, a constante falta de pagamentos, como sempre, atrasados, montando dessa vez em 350 contos de réis. O Governo enviou 60 praças sob o comando de um capitão. Os jornais da Capital comentaram o acontecimento situando como causa primária, é natural, o contrato Caetano Pinto e a costumeira entrada de numerosos imigrantes nesta região. E não faltou, nos comentários, a indispensável dosagem política.

O destacamento permaneceu em Brusque até princípio de junho quando regressou a Desterro deixando 18 soldados. Outros viriam mais tarde para garantir a ordem,

Em julho foram expulsos da Colônia os responsáveis pelo motim de abril, conforme relação mandada pelo diretor.

O ambiente nas Colônias depois desse acontecimento, principalmente entre os italianos de Nova Trento era tenso. Boatos, os mais descontraídos, eram comuns. Carvalho Borges era enérgico, mas não se excedia no cumprimento das rigorosas determinações de seus superiores. E não contemporizava, o que talvez preferisse, intimamente, penalizado com a má sorte e misérias de muitos de seus colonos. Mais tarde Carvalho Borges iria queixar-se das dificuldades com os abusos políticos, denúncias sem fundamento, etc. "Nesses 10 meses tenho experimentado mais dissabores e contrariedades do que em toda minha longa vida pública", afirmou.

Em meados de 1878 o presidente Lourenço C. de Albuquerque visitou as colônias e foi alvo de homenagens especiais em Nova Trento. Nesse distrito inaugurou uma exposição de produtos coloniais e participou de um baile a ele dedicado. A visita, como não podia deixar de ser, foi alvo de comentários, os mais ferinos, da imprensa política da Capital.

Em fins desse ano o centro de atividades da administração passou para o Alferes e Alto Tijucas, quando Carvalho Borges aliviou a sede estabelecendo naquelas linhas o maior número possível de colonos italianos, tendo, inclusive, cuidado da construção de uma casa para a Direção.

Em Porto Franco tudo indicava calma. Procedia-se então a construção da estrada Brusque—Ribeirão do Ouro. No ano seguinte os trabalhos nessa estrada foram ativados nas linhas: Pedras Grandes, Vargem pequena, Ribeirão do Graf, Águas Negras, Ribeirão Ernani, Ribeirão do Porto Franco, “Margem esquerda”, “Margem direita”, Ribeirão do Gabiroba e Ribeirão do Ouro. A Sociedade Amigos de Brusque possui documentos e relação dos colonos empregados nessa estrada, inclusive seus salários.

Em janeiro de 1879, cerca de 100 colonos, homens e mulheres de nacionalidade italiana chegaram, depois de penosa viagem, a pé, ao Estreito, a procura do consulado da Itália. O quadro era doloroso e comoveu a população de Desterro. O vice cônsul da Itália, José Demaria, procurou providências junto ao Vice presidente Provincial Joaquim Carvalho que determinou o regresso de todos. Segundo os jornais “O Conservador” e “A Regeneração”, não houve solução adequada à situação desses infelizes e em março, mulheres italianas andavam, novamente, esmolando pelas casas da Capital. É provável que os citados colonos procedessem de Nova Trento, pois havia relativa facilidade com o caminho para Tijucas, Biguaçu e Estreito.

Carvalho Borges foi chamado à Corte, certamente para prestar conta da situação em que se encontravam suas Colônias e em fins de abril reassumia o cargo, sem nada transparecer do resultado.

Devia ter havido uma providência, pois a 8 de maio o Ministério da Agricultura autorizou dispender, mensalmente, 3:500\$000, durante seis meses para pagamento de transferências de colonos para outras Colônias, à escolha.

Em agosto “O Conservador” publicou um manifesto de 77 colonos italianos alegando que não podendo mais suportar a miséria e privações, queriam voltar à Pátria. Possivelmente ocorreu o desejo dos subscritores desse documento. Pelo menos uns poucos voltaram à Itália, outros preferiram outras regiões, nesta Província. Novos pedidos desse gênero apareceram a seguir, porém sem se saber se houve repatriamento ou transferência.

A imprensa da Capital voltou a atacar Carvalho Borges, inclusive sua honestidade.

Em 22 de março de 1880 em abaixo assinado, comerciantes da sede defendem o Diretor, elogiando sua administração e Justiça com que tratava todos os colonos, sem distinção de nacionalidade. (“O Despertador” — 31-3-1880),

O Revdo. Padre Alberto Gattone, cura das Colônias, destacando o procedimento do Diretor, afirma "que os colonos destas Colônias não tem razões para apresentarem queixas ou reclamações contra Va. Sa." ("O Despertado").

Finalmente a 16 de abril deixou a administração o Engenheiro João Carvalho Borges Júnior, substituído por Benjamim F. de Albuquerque Lima, engenheiro civil, que assumiu a 10 de maio,

x x x

Difícil dar continuidade a este relato em face da reduzida quantidade de documentos originais das administrações.

Houve entrada de novos colonos italianos como de outras nacionalidades, em pequeno número, infelizmente ignorado. O principal problema do novo Diretor, Albuquerque Lima, era idêntico à de seus anteriores, distribuição e localização de colonos.

Os jornais da Capital raramente se ocuparam, nesse ano, do que acontecia nas Colônias. Esse noticiário foi substituído em 1880 com a grande enchente que tantos males fez em toda região do Itajai e em outros lugares da Província. Como neste histórico somente interessa o que aconteceu ao imigrante italiano em Príncipe Dom Pedro e no Itajai-mirim nos primeiros 10 anos, de outras ocorrências cito apenas as mais importantes, resumidas. Existe um documento de 24 de dezembro de 1880 que registra reclamação de 80 colonos italianos residentes nas linhas Alto e Baixo Braço, distrito de Nova Trento, pedindo auxílios na forma como foi dado a outros flagelados com a enchente. A sede das Colônias ficou totalmente tomada por colonos vindos de todas as linhas em procura de comida, remédios e roupas. Em Porto Franco e Nova Trento a mesma miséria. Para os auxílios houve o interesse do Ministério da Agricultura que determinou ao Governo Provincial todo auxílio possível, o que na realidade aconteceu. Afora a calamitosa enchente, 1830 foi um ano relativamente calmo. Verificou-se a saída de colonos, principalmente italianos, para outras regiões e o diretor cuidou de instalar em novos lotes os que permaneciam ainda inativos.

O engenheiro Benjamim Franklin de Albuquerque Lima pouco menos de um ano permaneceu no cargo, pois a 13 de março de 1881 passou-o a seu ajudante, Júlio da Silva e Oliveira.

Dias antes o Governo Imperial emancipava as Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro com o decreto que tomou o número 8.455 e o Governo Provincial, em seguida, baixou a Lei nº 920 de 23 de março criando o Município elevando assim a Freguesia de São Luiz Gonzaga. Os limites permaneceram os anteriores ficando judiciariamente vinculada à Comarca de Itajai.

Na direção ficou o último diretor das Colônias Bacharel Jacinto Adolpho de Aguiar Pantoja, empossado no dia 4 de maio de 1881.

Com a criação do Município, São Luiz Gonzaga passaria a escolher os seus próprios dirigentes e o Serviço de Colonização passou à "Comissão de medição de lotes e colocação de imigrantes nas ex-Colônias Itajay e Príncipe Dom Pedro". Não sofreria pois, continuidade, a regularização dos lotes antigos e novos.

Aguilar Pantoja cuidou de imediato de novos caminhos e estradas nos distritos de Nova Trento, Porto Franco e Cedro Grande. Teve que enfrentar, como os seus antecessores, reclamações de colonos que expressou em telegrama, fazendo sentir, inclusive, a falta de maior força policial. Lembra ao presidente que o Governo ainda deve 8 meses de serviços e os colonos não têm crédito nos armazéns locais. Pede dinheiro para cobertura desse débito e reforço policial.

Os colonos por sua vez, apesar do atraso, pediram a continuidade de trabalhos: "Conceder o serviço de estradas na *moda antiga*, para eles poderem ajudar-se melhor".

Depois da criação do Município diminuiu consideravelmente a entrada de novos colonos. Parece que o maior número depois desses 10 anos entrou em abril de 1889. No verso de muitos passaportes dados por S. M. Humberto I, encontra-se a seguinte nota: "Não aceitou lote alegando não ser agricultor" Reginaldo C, da Silva — Engenheiro Chefe da Comissão de lotes e colocação de imigrantes nas ex-Colônias.

O diretor Pantoja ficou no cargo até a instalação da Primeira Câmara de Vereadores em julho de 1883. Existem documentos firmados por ele em 1882 e 1883.

Da ex-Colônia Príncipe Dom Pedro, Nova Trento, de linha colonial passou a Freguesia em 4 de abril de 1884 e a Município em 8 de agosto de 1892; Porto Franco, hoje Botuverá, o Distrito de Paz foi criado em 14 de fevereiro de 1925 com limites entre o Ribeirão das Águas Negras e a cabeceira do rio Itajaí-mirim e a sede foi elevada à categoria de Vila em 31 de março de 1938.

x x x

A 13 de maio de 1881 o velho Cura Alberto Gattone, deixou, para sempre, as suas antigas Colônias, e em seu lugar ficou um italiano, Padre Arcângelo Ganarine.

Também um italiano, Pedro Colzani, doa um terreno, na linha Azambuja, para nele ser edificado uma Capela em honra à N. S. do Caravaggio, hoje tradicional centro de peregrinações da Igreja Católica. Foi uma das primeiras participações do colono italiano na vida comunitária brusquense.

Em 1879 no livro nº 1 de "Juramentos dos Colonos que quizerem naturalizar-se brasileiros", constam os primeiros italianos, chegados em 1875 e 1876, que prestaram declarações e juraram ante os Santos Evangelhos prometendo respeitar e defender as Leis Brasileiras e a elas ser obediente como cidadãos brasileiros: Luigi Salla, Padre Arcângelo Ganarini, Egidio Enderlli, Giuseppe Alberici, Lourenzo Bianchini, Batista Martinnelli, Antonio Dolzan, Pedro Joaquim Battisti, Luiz Marcotti, Cirino Benvenuti, Pietro Colzani, Giovanni Sardo, Emmanoel Pizzini, Inocente Vimercatti, Giuseppe Piazza, Silvino Tolomiotti, Michelle Della Maria, Damiano Maffezzolli, Jacinto Mantovani, Giovanni Botamedi, Domenico Girola, Giuseppe Dalsasso, Pietro Uller, Luigi Caset, Eduardo Dalmaso, Giuseppe Lira, Ebimelecco Bonomini, Danielle Tomio, Angelo Costa, Francisco Millanesi e Giuseppe Pinotti.

x x x

1885 — Dez anos passaram desde que chegaram aos vales dos rios Itajai-mirim e Tijucas, os primeiros colonos italianos. Procurei lembrar um episódio da história de Brusque, talvez o mais difícil com base em documentos e registros oficiais sem recorrer à tradição oral quase sempre alterada depois de muitos anos.

Não há, evidentemente, necessidade de analisar a contribuição do italiano no desenvolvimento de nossa região. Alguém o fará um dia, com certeza, situando-o como realmente o merece.

Levou anos para adaptar-se às terras em Príncipe Dom Pedro. Muitos também foram necessários para aliviar ressentimentos, insucessos e os erros de um processo colonizador endossado pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas com bases assentadas em 17 de junho de 1874.

1975 — Em todo o Brasil realizam-se este ano grandes festividades comemorando o centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos.

A pujança e o progresso de muitos municípios no sul do Brasil atestam o seu valor, em consonância com outras correntes imigratórias na construção da grandeza do Brasil.

BIBLIOGRAFIA: 1) Documentos originais — Sociedade Amigos de Brusque.

2) *Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral* — Brusque — Subsídios para a História de uma Colônia nos tempos do Império — 1958.

3) *Walter F. Piazza* — Nova Trento — 1950

4) Registros da Igreja Católica — Brusque

ÂNEXOS: Requerimentos. Tradução dos originais feita pelo Prof. Alexandre Merico.

1) *Freguezia — Outubro de 1877.*

“Todos nós abaixo assignados, agricultores desta Freguezia, fomos chamados pelo senhor Engenheiro por ordem do preclarissimo senhor Presidente, que de agora em diante não se farão mais contratos e sim que deverão trabalhar por dia; mas nós todos nos negamos de fazer isto, porque esse negocio de trabalhar o mês todo para viver e não se pode trabalhar na nossa colonia, já que todos nós fizemos esta pequena estancia, então queremos dizer que se as coisas continuarem como sempre, não estamos todos dispostos a permanecer aqui no Brasil e procuramos fazer alguma coisa para acabar com a fome, perguntamos em paz se podemos ocupar o terreno que nos pertence. Em quanto pois aqui nesta Freguezia há 40 e mais colonos que chegaram no mês de março e muitos ainda não fizeram as suas casas na sua colonia.

Os abaixo-assinados todos indistintamente.

2) *19.10.1877* “Súplicam por graça especial ao estimadissimo senhor Presidente de Santa Catarina agora em Brusque; nós pobres colonos, arcados pela fome, dirigimos respeitosamente ao nosso Diretor, para que se encha de compaixão de nós que nos encontramos num beco sem saída e sem ninguem que nos olhe, nós depositamos nossa confiança na sua pessoa e que não tenha o prazer de nos ver na miseria, em que nos

encontramos agora; desde o mês de março não recebemos contratos e nem dias de serviços e por isso a maior parte se encontra em debilidade, vale dizer na miséria, e pedimos ainda que olhe de maneira especial para as famílias numerosas que com *fiorini* ao mês não podem manter-se, sem levar em consideração um filho que tem 15 ou 18 anos, como se pode sustenta-los até agora, já que precisam de roupa e de outras coisas, por isso somos obrigados a dirigirmo-nos a nossos Superiores para que tenham piedade de nos; si por acaso acharem que não é verdade o que estou escrevendo, pedimos que tenham o incomodo de mandar uma pessoa para que visite a nossa colonia, pedimos que venha observar nosso trabalho que há nas colonias, pedimos isso por favor, e se não formos assistidos, pedimos respeitosamente de nos conduzir ao ponto onde fomos recebidos, mas nós temos esperança e acreditamos de receber um favor do nosso senhor Presidente e o cumprimentamos distintamente e assentamos nossos nomes." 36 assinaturas.

3) "*Prezado senhor Diretor*: Os respeitaveis chefes de familia, aqui abaixo assinados e os não subscritos, todos unanimes: os colonos do caminho Bateas, do Pedro, deram ordem ao seu senhor chefe feitor que neste mes lhe suspenderam o contrato e que ao contrario ordenaram que trabalhem 10 dias consecutivos, para receber somente 20 mil réis. Os respeitaveis chefes de familia, imediatamente por meio desta querem saber o motivo desta ordem funesta, pois jamais houve isto, de roubar-lhes os seus direitos em vigor; esta noticia tão desagradavel os impede de ir adiante, sem consideração de sorte e muito mal informados. E eis por que se tomei a liberdade de expor a sua dignissima pessoa, que está havendo este suplicio, absolutamente não querem se submeter e com grande acatamento venho explicar-lhe a sua causa. Fomos chamados por este Govêrno, por S. Excia. o Ministro Vítório e pelo Ministro de Assuntos exteriores, receberam o seu passaporte executivo, venderam todos as suas propriedades e mobílias de casa, por ninharia e se despojaram de tudo pelos cuidados de subsistencia na viagem horrivel e por consequente esperando encontrar um lugar aprazivel para sempre; as colônias pouco acessiveis e eis que vem esmorecer sua esperança de poder viver e os negocios sem segurança tornando-os numa infelicidade mortal.

Isto portanto não são ordens governativas, serão ordens arbitrárias e aquí absolutamente querem indenização ou ao contrario um adiantamento que lhes sirva para as despesas."

Relação incompleta das familias italianas chegadas entre 1875-1885:

- A — Albani, Alberici, Avanci, Arigoni, Agostini, Archer, Andreotti.
- B — Bellagamba, Belleganti, Bersini, Bovini, Bergamaschi, Bigardi, Barini, Bissa, Bertoni, Bertotti, Borchetti, Benvenutti, Bigaroni, Benazzi, Barbi, Beduschi, Barni, Bertolli, Belene, Benaglio, Bertoldi, Borati, Bianchini, Bernardi, Batisttotti, Batistti, Boni, Botamedi, Bolomini, Bolognini, Belomo, Bissi, Busnardo, Baldassari, Bozzano, Bochiratti, Borgonovo, Bianchessi, Bendini, Bizzoni, Bormanieri, Bertolini.
- C — Comper, Caragiola, Consi, Celva, Censi, Carbone, Cavarelli, Carminati, Chiadi, Comandolli, Caviquioli, Conselli, Casaboni, Capitano,

- Cortepari, Cervi, Cavallieri, Casagrandi, Contesini, Cecati, Carazolla, Colzani, Caset, Costa, Carmassi, Casarini, Cipriani, Canarin, Cadorin, Castelli, Carrara, Cazersi, Ciri, Comenezzi, Cecconi, Catani, Coleoni, Cuqui, Cortinovi.
- D — Dalbosco, Dalla Beneta, Dalcastagne, Dalmarco, Dalssaso, De Marchi, Dalmasi, Dadam, De Paula, De Luca, Dolzan, Della Maria, Delpretti, De Gracia, Dalsenter, Dalprá, Darli, Dalabrida, Demarchi, Demonte, Da Lago.
- E — Enderlli, Eccel, Elessi.
- F — Felicetti, Facchini, Fantini, Franzio, Fontanelli, Furlani, Facchetti, Frieri, Ferrari, Fogazza, Fontana.
- G — Galbiatti, Ganarini, Gatoni, Gandolfi, Gaturami, Garnieri, Gamba, Grotti, Gracia, Gervasi, Garbari, Girola, Gastaldi, Gotardi, Ghizzi, Giordani, Giacomelli, Girardi, Giancesini, Galassini.
- L — Longo, Lenzi, Lombardi, Lira, Luigi, Luchini, Lodigoni, Lana.
- M — Maffei, Montibelo, Michei, Melsi, Marceli, Mazzoli, Marineli, Motta, Marcadela, Minatti, Monosterolo, Manzoni, Merico, Malfati, Morelli, Martinelli, Marcotti, Milani, Mazzola, Maffezzoli, Mantovani, Milanesi, Marchi, Magnatti, Monetta, Marquesi, Marchiori, Marchetti, Modesti, Massari, Magni, Maestri, Merizio.
- N — Nicoletti, Né, Nasi.
- O — Ogliari, Orsi.
- P — Ponticelli, Ploteguei, Preti, Pizzini, Piazza, Postai, Polli, Pizzi, Pozzi, Pascoali, Presentini, Paisan, Pauli, Piamonti, Peregrini, Pegoretti, Pinotti, Piamonti, Provenzi, Piva, Panareni, Pala, Paglioli, Pinerolo, Poleschi, Polenghi, Poseotti, Ponchirolli, Pazza.
- R — Rosetti, Romani, Ruzzi, Risi, Rovere, Roncelli.
- S — Stolfi, Serra, Sprada, Santucci, Stedile, Sclavin, Spinelli, Salla, Sardo, Sgrotti, Sartori, Stofela, Sassi, Solari.
- T — Tirlone, Tomasi, Tonini, Tolomiotti, Tomio, Tomasoni, Tridapalli, Trainotti, Tensini, Tamanini, Torrezani, Tabarelli, Tamazia.
- V — Villa, Valcanaia, Vinotti, Valle, Vimercatti, Visconti, Voltolini, Vicentini, Valenni.
- Z — Zanetti, Zotele, Zorrer, Zonter, Zucco, Zanon, Zibeli, Zibardi, Zachetti, Zerlone.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

UM CONVITE À MEDITAÇÃO

Nestor Seara Heusi

Nascer. Viver. Morrer.

Eis o trinômio-desafio. Desafio, sim, porque ao seu derredor, isto é, de cada termo, de cada componente, de cada estágio, ou como quer que os chamemos, está o véu impenetrável, o imo indevassável, imperscrutável do grande mistério. Que vem desafiando a inteligência, o saber, a argúcia dos estudiosos, dos sábios e dos cientistas, através dos séculos e dos milênios. Porém, é e será a eterna, insolúvel incógnita. Visto como não apenas face ao trinômio invocado, mas para onde quer que olhemos, no universo, aí está latente o mesmo mistério indecifrável.

Já o disse, com muita propriedade e sabedoria, um abalizado mestre: "o homem, no mundo em que vive, se assemelha ao gato na biblioteca." De fato, a exemplo do gato que usa e abusa do ambiente que desfruta, escolhendo, na biblioteca, os melhores lugares para bem levar a sua vida, porém que está, total e absolutamente, alheio à sua essência: os livros que a compõem, — assim também o homem usa e abusa do mundo em que vive, mas desconhece, ignora a sua essência: a origem, o "alpha" e o "ômega" dos seres e das coisas.

Dentre os vários exemplos a respeito dos quais ainda vamos falar, citemos, por demais eloqüente, a eletricidade — alavanca-mestra do progresso universal. O homem a maneja, usa e emprega a seu talento em prol dos mais variados misteres. Mas, também ignora o seu âmago, por isso que a envolve idêntico mistério.

Não obstante — pensamos — é precisamente ele, esse mistério latente, a força máxima, uma vez que se gera da existência de todo esse conglomerado cósmico, dessa miríade de mundos que rolam, "ab aeterno", dentro do mais perfeito equilíbrio, no tempo e no espaço. E isto porque é ela, esta força poderosa, incoercível e insuperável, que nos detém para que indaguemos e meditemos. Para que nos curvemos.

É o caminho que nos conduz à crença em um espírito de luz, perfeitíssimo, em uma inteligência superior, que criou, que rege e domina o universo. Em uma só palavra: Deus.

Há, entretanto, os que tolaente, cheios de si, se jactam de agnósticos. Que negam a existência do seu Criador. Para estes o perdão, a piedade de nós outros.

Eles, ôcos de espírito, — porque criam, inventam, descobrem e constróem, mercê do que forjam e blasonam aos quatro ventos todo esse progresso material que aí está, o qual tanto beneficia como destrói a humanidade: porque dão asas à sua fértil e privilegiada imaginação, produzindo obras de arte, literárias, científicas, filosóficas, tecnológicas e de tantos outros matizes, — se arrogam donos e senhores do universo. Mas, em verdade, não passam de míseros "gatos de biblioteca".

Pudera! Se não sabem sequer o que é a vida, se não sabem o que é a morte. Conhecem-nas, sim, porém apenas sob o prisma científico, fisiológico, material.

Os verdadeiros sábios, os cientistas autênticos, em suma, os homens de verdade, são tão somente aqueles que "sabem que não sabem" e que, embora também criem, inventem, descubram e construam, reconhecem, todavia, a sua completa ignorância em assuntos que transcendem, que estão muito acima da sua capacidade intelectual e perceptiva. E por isso mesmo são humildes e modestos. Pois, eles bem sabem que são as criaturas e não o Criador. Eles bem sabem que toda a sua obra, por maior e mais grandiloqüente, se apaga e se apequena face à Obra inimitável, por isso que perfeita, do Criador.

Meditemos.

O que é a obra do homem — perguntamos — por mais grandiosa e mais sofisticada, frente a um ser que nasce? Que tem corpo e que tem alma. Ambos envolvidos na mesma sublimidade, no que tange à sua materialidade, à sua formação, às suas funções e à sua concepção. Que pensa, que fala, que ri e que chora. Que sabe amar, querer e lutar.

Diante do pássaro, de linda e colorida plumagem, que vôa e que canta, do dócil cordeirinho que bale, da indomável fera que ruga? Em suma, de toda essa legião de animais, os mais diversos, que povoam a terra, os rios, os lagos e os mares?

Diante da flor, bela, colorida e perfumada, e toda essa cornucópia de tantas outras, dos mais variegados matizes, formas e fragrâncias? Do arbusto frágil e da árvore gigantesca, que produzem o lenho e o fruto, das mais diferentes espécies e essências? Dos mais variados sabores? Enfim, de toda essa riqueza incalculável do soberbo reino vegetal?

Diante do seixo pequenino e da rocha ciclópica? Em síntese, de toda essa gama infinda dos milhares de minerais, que vão desde a rocha bruta até o preciosíssimo diamante e um sem-número de outras pedras preciosas?

Frente, finalmente, a tudo o mais que existe sobre e sob a face da Terra, este pequeno e imbele planeta que se insere no cosmo e gira em torno deste Sol potente e poderoso, que fornece a luz e o calor, essenciais à vida dos seres e das plantas?

E quando, pobres mortais, alçamos os olhos, bem cá de baixo, para o páramo celeste, nos é dado ver apenas alguns desses incontáveis sóis e planetas, que se fixam e que giram dentro desse incensurável elenco universal, obedientes a uma mecânica celeste a mais perfeita e sublime.

Eis aí, em rápido bosquejo, a Obra esplêndida de Deus, que, em última análise, abrange e inclui a obra fecunda, mas falível, do Homem, de vez que sendo ele, como é, a sua criatura, representa, "ipso facto", a sua criação maior, por isso que a mais sublime.

Rendamos, pois, contritos e submissos, graças perenes a Deus por essa messe abundante, rica e generosa. Por esse manancial inesgotável de bens materiais e espirituais que são o fulcro potente e indestrutível do seu excelso Amor para conosco.

Sejamos sempre dignos desse Amor, para que este Mundo, conturbado e atribulado, possa ter a paz de que tanto necessita. A nossa paz!

Balneário Camboriú, 15/01 1975.

Carta de Naturalização de Fritz Müller

Publicamos abaixo, o termo de naturalização do sábio Dr. Frederico Müller:

Termo de Declaração que faz o Dr. Frederico Müller, com o fim de obter Carta de Naturalização como abaixo se declara:

"Aos nove dias do mez de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e cincoenta e seis, nesta Cidade do Desterro Capital da Provincia de Santa Catharina em o Paço da respectiva Câmara Municipal, que se acha reunida em Sessão extraordinária, e presidida pelo seu Presidente o Cidadão Tenente Coronel José Maria do Valle, sendo presente o Doutor Frederico Müller estabelecido na Colônia Blumenau, pedindo no Requerimento retro que por virtude do Decreto nº 808 de 16 de Junho de 1855, eu lhe tomasse por termo a seguinte Declaração, que sendo aceita resolve a mesma Câmara, pelo Despacho que se vê proferido no mesmo Requerimento, que se lavra P. termo no respectivo livro, do qual se extrahisse copia para servir ao peticionário na sua pretensão — Declaração — Que o Supplicante quer ser cidadão brasileiro, e fixar seu domicilio neste Império deixando de pertencer à Alemanha, isto é, deixando de ser cidadão Alemão. Que a sua religião é a protestante. Que é casado com Alemã e de seu matrimônio tem trez filhos. Que o lugar do seu nascimento na Alemanha é Saxonia, e que é filho legitimo de João Müller e de Carolina Premmdorff — E desta maneira tendo feito a sua Declaração como se vê do Requerimento retro, se lavrou o presente Termo que assignou a mesma Câmara e o peticionário — E eu Manoel Joaquim de Almeida Coelho, Secretário da Câmara que o escrevi."

O Presidente Tte. Coronel José Maria do Valle — 1856

Dr. Frederico Müller

Culto a São Sebastião

C. GAERTNER

Estranha-se que São Sebastião fosse o escolhido pelo nosso planaltino da Campanha do Contestado, entre todos os outros santos, para comandar a batalha final que deveria terminar pelo acorrentamento de Satanás com o advento do governo messiânico *Sui-generis* de são João Maria e são José Maria.

São Sebastião, narbonês, filho de pais cristãos, nasceu pelo ano 250 e morreu em 288. Alistou-se no exército romano, servindo às ordens do imperador Carino. Diocleciano, assenhorando-se do poder, nomeou-o chefe da primeira coorte de pretorianos. Mas, denunciado ao imperador como cristão, isto é subversivo ou contrário à ordem política, social e religiosa então estabelecida, foi preso. Recusando-se a renegar sua crença, foi condenado à pena máxima e, trespassado pelas frechas dos executores, considerado morto. Uma piedosa viúva, de nome Lucina, verificando que ainda vivia, recolheu-o secretamente conseguindo curar-lhe as feridas. Quando se achou restabelecido, postou-se à passagem do imperador para lhe censurar a impiedade. Novamente preso foi chibatado até a morte. Seu corpo, lançado na Cloaca Maxima, foi retirado por seus irmãos de crença que lhe deram sepultura. É iconograficamente representado no martírio do enfrechamento e é invocado para a cura das moléstias contagiosas.

Como se vê, não há, na breve sùmula da história do santo, nada

que justifique a sua escolha para combater Satanás e seus sequazes peludos, com preterição de outros santos melhor credenciados como, por exemplo, o veterano São Miguel Arcanjo. Não obstante, uma razão obscura presidiu a escolha.

x x x

El-rei Dom Sebastião, décimo sexto rei de Portugal, nasceu em 1554 e morreu em 1578. Herdeiro da coroa aos três anos e meio, começou a reinar aos quatorze anos. Foi seu preceptor o jesuita Luis Gonçalves Câmara, e seu aio Dom Aleixo de Menezes. O pupilo foi branda cera nas mãos do eclesiástico, cuja Companhia, instituída por Inácio de Loyola em 1534, já dispunha de uma grande influência política e de um grande poder sempre crescente.

Dom Sebastião era de gênio rebelde, impulsivo, irrefletido, místico e fantasista. A Companhia de Jesus dominou-o através do seu preceptor, embora pese a opinião contrária do notável médico e escritor português Manoel Bento de Sousa, que lhe atribui a exaltação mística e o gênio revel e impulsivo à epilepsia, que o teria levado à loucura não tivesse sido colhido pela morte aos vinte e quatro anos. É plausível que o padre Câmara se tenha aproveitado da morbida idiossincrasia do príncipe, acentuando o seu desvio místico, preparando-o para servir aos interesses da novel Companhia. Murmurava-se que el-rei rejeitava casamentos e alianças com os soberanos

vizinhos nem tanto pela sua misoginia mas por se ter apaixonado por uma donzela moura, a filha do Mulai Ahmed-ben-Abdala, Xerife de Tanger, que foi destronado pelo tio, o Mulai Abd-el-Malek.

El-rei aproveitou-se desse acontecimento político norte-africano para contra o sensato parecer do Conselho de Estado, aliar-se ao Mulai Ahmed contra o Mulai Abd-el-Malek, travando-se, a 4 de agosto de 1578, a batalha de Alcacer-Quibir na qual Dom Sebastião desapareceu. Não tendo sido encontrado o seu corpo entre os mortos, surgiu a lenda de que el-rei, Cristovão de Távora e o duque de Aveiro, encontravam-se correndo mundo em busca de aventuras cavaleirosas, ou que el-rei, milagrosamente salvo, estava encantado numa ilha misteriosa de onde, em manhã de intenso nevoeiro, deveria regressar a bordo de uma galera para reclamar seu trono usurpado. A derrota de Alcacer-Quibir, seguida pela morte do cardeal-rei Dom Henrique, levantando uma questão de direitos sucessorios, custou a Portugal sessenta anos de dominação espanhola. Da lenda originou-se a seita dos sebastianistas, florescente durante o século XVII, que aguardou o regresso do Príncipe Desejado até fins do século XVIII

Só lentamente o sebastianismo desapareceu, como era natural. Mas essa idéia, poderosamente alimentada durante tanto tempo, sofreu

um processo de fusão e transferência fazendo com que a profunda devoção por Sebastião seja a resultante do amálgama da vida do mártir com a vida de el-rei, craseando a legenda doirada à lenda valerosa da cavalaria portuguesa, subsistindo, imorredoura, na devoção ao santo, a bravura combativa do príncipe infelizmente.

O nosso caboclo, cariboca, ou mameluco, produto da associação genética do português e índia, recebeu a tradição confusa da lenda de Dom Sebastião associada à do mártir São Sebastião, cujo reaparecimento com o exército do céu viria libertá-lo da prepotência política do coronel perseguidor, estabelecendo uma Nova Jerusalém sobre as ruínas políticas da vila de Curitiba.

Há uma curiosa correlação: o monge (el-rei) passado (desaparecido) na batalha do Irani (Alcacer-Quibir) deveria ressuscitar para vencer o coronel perseguidor (rei espanhol) e restabelecer o governo do céu (trôno português).

Todo ser humano, em razão das suas limitações dentro de um universo hostil, é mais ou menos messiânico. Sente-se fragilimo diante da fome e do frio, do desabrigo e desamparo, da dor e sofrimento, da miséria, da velhice e da morte, e deseja um Salvador, dotado de infinitos poderes, capaz de conceder-lhe a riqueza, a juventude e a imortalidade. A própria crença em Deus é um sublimado ato de messianismo.



FRIO RIGOROSO caracterizou o inverno de 1863, tendo os termômetros descido a 3 graus negativos, o que prejudicou, seriamente, as plantações de café e cana de açúcar, montando a dezenas de contos de réis os prejuízos verificados, agravados com as chuvas torrenciais dos últimos meses do ano. Essas chuvas provocaram nova cheia dos rios, cujas águas invadiram plantações e casas. Mal o tempo melhorou e as águas voltaram aos respectivos leitos, praga incomum de largatas apareceu nos pastos, devorando a grama até às raízes, o que obrigou muitos dos colonos a sacrificarem algumas rezes.

Geoecologia Atmosférica

A. SEIXAS NETTO

(Continuação do número anterior)

Capítulo Doze: — AS CIDADES COMPACTAS OU MEGALOPOLIS SÃO AECOLÓGICAS.

As cidades compactas, de mais de 10 quilômetros de raio, construídas a 60% de concreto, se não chegam a interferir apreciavelmente na Mecânica Atmosférica geral, agem, todavia, como adaptadores intrusos de micro-climática. Em linhas bem definidas, elas agem como excrescências na base da PNEUMOSFERA, formando uma espécie de cúpula de calor, — pelo poder de radiação das diferentes frequências componentes da luz solar efetuadas pelo concreto, pelo asfalto, pelo granito, calor que é irradiado à noite —, agindo como um intruso *corpo negro* na circulação das *ondas isobaricas*. Dentro dessas Megalopolis, a circulação do Ar é muito restrita e de baixo valor cinético; a troca CO₂-Oxigênio não é equilibrada, havendo uma percentagem residual elevada do primeiro sempre permanente e em lento crescimento. (Quando as Megalopolis estão à beira dos Oceanos, os sais marinhos em trânsito ainda buscam uma absorção do CO₂ para transformá-lo em bicarbonatos pelo transpasse nos carbonatos oceânicos). Assim, a falta de parte vegetal para emitir Oxigênio local, produz a saturação por CO₂, adaptando essa área ao processo de Oxigênio reduzido e alto teor de amido carbônico. Ademais, somam-se ao processo, como participantes, outros gases pesados. As Megalopolis só recebem uma "lavagem" no meio aéreo saturado de CO₂ e outros gases durante as chuvas torrenciais. (As neblinas também agem como limpadores do meio porque seu vapor d'água pode reduzir o CO₂). De maneira muito profunda, o Homem da Megalopolis, como Ser emissor de Anidrido Carbônico, forma seu próprio ar impuro e adapta a Atmosfera local ao seu *modus* químico. E, por processo ainda não estudado, ele gera o seu próprio meio ambiente impuro ou com alto percentual de CO₂. (Isto, por certo, produzirá distorções nos processos biológicos com lentas alterações metabólicas). Considerando isto, sugerimos como método de base, buscando o equilíbrio ecológico, que os arquitetos de cidades utilizem o que anotamos como o *efeito babilônico*, ou seja, transformar a cobertura final dos edifícios em jardins suspensos, com pequena arbustização capaz de fornecer, termo médio, 10 litros de água por metro quadrado (20), formando, assim, uma cobertura verde, tênue embora, mas em contacto com o meio de circulação aérea. Depois, é necessário compor parques de arbustização grossa, ou de árvores capazes de fornecer, em cada 24 horas, mais de 100 litros de água por unidade. Somente deste modo, a Megalopolis pode assumir a feição florestal mínima para equilíbrio ecológico numa área onde seus componentes animais expiram e admitem quantidades enormes de CO₂, no primeiro caso, e Oxigênio,

no segundo. Os parques florestais podem, igualmente, ser substituídos por *veios florestados* ou seja todas as vias entre as massas edificadas cobertas por vegetação grossa, dando, deste modo, a feição de Floresta com intercalação pétreas. As Megalopol's são, se não for assim, completamente AECOLÓGICAS, ou com um mínimo de fator ecológico natural. Em realidade, as Megalopolis formam autênticos micro-climas intrusos na Baixa Atmosfera. A lei básica, que elaborei em 1970, é: Quem controlar a Pressão Atmosférica local, controlará o meio ambiente local. E os elementos desse controle, que é possível e fácil, estão dispostos no Ensaio CONTROLE DA ATMOSFERA.

Capítulo Treze: A POSIÇÃO DAS VIDAS NOS CAMPOS ECOLÓGICOS PLANETÁRIOS.

Convém, neste Capítulo, dar entendimento à linha de evolução planetária para as diferentes qualidades e etapas de Vida, conforme se dispõe na doutrina da Terra-Estrela, em nosso estudo GÊNESE ESTELAR E CONCEITO DE UNIVERSO.

Em verdade, há movimentos astrofísicos de criação da Vida, fato não estudado, nem sequer em alinhamento fictício ainda pela Ciência oficial contemporânea. (É de ver que, ao nosso entendimento, toda ideação inicial de pesquisa e análise parte duma composição fictícia, campo onde os raciocínios e imagens podem operar sem as peças cruciais da prova imediata).

A Atmosfera, sem florestas, seria, em realidade, um envoltório de gases pesados, — (isto é válido para a Terra, que inda tem núcleo ativo) —, como nos dias primordiais da Terra-Estrela. As árvores, ou Vidas Estacionárias, mas dotadas de funções metabólicas e células racionantes-seletoras, são como recursos da Natureza, criadas num período especial, e como viventes, no meio de Gases CO₂ e metanos passaram a deles viver, filtrando Oxigênio. Os animais, ou Vidas móveis foram criados depois no meio favorável, como produtos de equilíbrio. E nestas etapas sucessivas de criação de vidas, surgiu o homem também, em diferentes períodos que hoje caracterizam as Etnias. Em 1958, para alimento de raciocínio, elaboramos as regras ecológico-físicas:

1º) — As espécies de Vida, — tanto imóvel quanto móvel —, da superfície do Planeta são produtos de movimento fisiocímicos planetários; a Vida não foi criada no Planeta simultânea ou instantaneamente em toda sua multiplicidade.

2º) — O Homem é uma criatura particular à Terra criado num dado momento propício fisio-ecológico do Astro.

3º) — As Etnias são determinantes de momentos fisio-ecológicos planetário.

4º) — A criação da Vida em espécies é constante, mas sempre em ordem decadente, porque o núcleo estelar da Terra, que lhes rege as funções fisiocímicas ecológicas, está progressivamente em extinção.

Como estas etapas se cumprem em períodos muito grandes, ela se torna quasi inobservável experimentalmente. Mas ocorrem, certa-

mente. Deste modo é que sempre admitimos válida a idéia de que para conservar o homem no seu ponto atual é necessário absolutamente manter o campo ecologico eficiente para o momento. Qualquer alteração do meio será correspondido pela alteração da Vida.

Assim, Ecologia, pois, é mais que uma posição científica; é a defesa o meio Vital e da Vida no ponto em que está. Não havendo isto, passa a existir o terrível panorama de Vidas mutantes.

(*Continua no próximo número*)

A HISTÓRIA

Guilherme Strecker da SAB

Recentemente terminei de ler um livro recomendado a todos aqueles que labutam ou se iniciam na inspiração de CLIO — a História. Trata-se do livro "Combates pela história". No original francês é — *Combats pour l'histoire* — da Ariel.

Seu autor, LUCIEN FEBVRE (1878-1956) tem sido, ao lado de MARC BLOCH, o mais influente historiador francês do século XX. Além de seus trabalhos fundamentais de investigação e seu trabalho à frente da revista "ANNALES", LUCIEN FEBVRE escreveu numerosas páginas, constituindo uma reflexão geral sobre a ciência histórica. O título da obra acima lembra sua ação.

Na opinião de LUCIEN FEBVRE, História é o estudo cientificamente elaborado das diversas atividades e das diversas criações dos *homens* de outros tempos, captados na atualidade, no marco de sociedades extremamente variadas e, sem dúvida, comparáveis umas a outras; atividades e criações com as que cobriram a superfície da terra e a sucessão das idades - (1).

Como se nota, a definição fala de — *homens* —, o único objeto da História. Uma História que se inscreve no grupo das disciplinas humanas de todas as ordens e de todos os graus, ao lado da antropologia, a psicologia, a linguística, etc. Essa História que não se interessa por qualquer tipo de homem abstrato, eterno, imutável em seu fundo e perpetuamente idêntico em si mesmo.

A história, isto sim, se interessa por *homens* compreendidos no marco das sociedades às quais pertencem. A história se interessa por *homens* dotados de múltiplas funções, de diversas atividades, preocupações e atitudes variadas que se mesclam, chocam, se contrariam e acabam por concluir entre elas uma paz de compromisso, um *modus vivendi* a que chamamos VIDA.

Em outra parte do livro, LUCIEN FEBVRE explica: A história se faz, em primeiro lugar, com o sentido e o apaixonamento pela história. Essas aptidões são necessárias para um bom exercício do ofício intelectual. Nunca estranhemos que essas aptidões se reconheçam quando

se trata de um matemático ou de um filósofo. Nas nossas Faculdades nunca se tem conseguido desaconselhar alguém “não apto para a história”.

Não seria escândalo exigir-se aqui “o dom de historiador”? Continuando, FEBVRE também critica a exagerada preocupação com as “provas” da História, ou seja, o documento escrito. Avisa que tudo o que se apresenta com facilidade diante do pesquisador de história, não é história.

Segundo o historiador francês, devemos multiplicar os elementos que nos são mostrados. Ao historiador cabe descobrir, quando inexistem textos ou documentos, que pode lançar mão com muito proveito do estudo perspicaz dos nomes dos lugares, do exame comparado de certos grupos de palavras; ou mesmo a forma em que estejam repartidos distintos tipos de sepulturas, da expansão de um modo de construção, dos nomes de santos que levam as igrejas, de ritos religiosos, de forma jurídicas, etc.

É necessário ser engenhoso. Ser ativo ante o desconhecido. O trabalho do historiador é suprir, substituir e completar. É necessário compreender e fazer compreender.

Até aqui apresentamos as principais idéias de LUCIEN FEBVRE; a seguir faremos alguns comentários próprios.

Felizmente ou infelizmente, ainda não há por aqui a figura do historiador. Essa profissão tão desacreditada e mesmo combatida. Os jovens sentem pavor da história. Pavor de algo desprezado da realidade, que lhes escapa da compreensão. Torna-se obrigatório conseguir o apoio jovem à este estudo cientificamente elaborado. Para tanto, reapareça o historiador, renove-se a História. Esta encontra-se, no Brasil, desprezada por muitos. Era consuetudinário o amparo à pesquisa histórica.

Aqueles que se propõe por qualquer razão, elaborar um trabalho (sério) de História, esbarra em obstáculos intransponíveis. É o caso, por exemplo, dos nossos mal organizados *arquivos*. Quase nunca se encontra arquivistas, nos chamados “arquivos mortos”. Enfim a barreira eterna: a falta de verbas específicas.

Então nos perguntamos: o que será mais importante? A construção de uma ponte ou o estudo e pesquisa histórica? A resposta seria a seguinte:

De nada vale a ponte sem história e nem esta sobreviveria sem a ponte.

NOTAS:

(1) FEBVRE. Lucien — Combates por la história — Ariel quincenal — Editorial Ariel, S. A. Esplugues Llobregat. Barcelona, 1974, Espanha.



ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Confirmando aquilo que já prevíamos, começam a se movimentar os editores de nosso Estado, visando a incrementação do mercado do livro catarinense.

A mais recente iniciativa é da Lunardelli, que lançou o "Clube do Livro Catarinense",

Segundo os organizadores do "clube", a recepção por parte do público tem sido muito boa.

A verdade é que em Santa Catarina temos escritores, editoras e leitores. O que falta é um pouco de motivação para que os leitores passem a ler livros nossos.

No "Clube do Livro Catarinense" o associado se compromete a adquirir 1 exemplar a cada 45 dias.

O livro é sempre de autor catarinense e a meta é atingir 500 associados. O que se conseguirá se todos emprestarem sua colaboração.

Os interessados em fazer sua inscrição poderão obter melhores informações escrevendo para o "Clube": Caixa Postal, 263 — Florianópolis.

PÁGINAS FAMOSAS de João Alfredo Medeiros Vieira — Edição Maxmar — Joaçaba — 1974.

A publicação deste livro é um pouco anterior ao lançamento de "O Sonho e a Glória", do mesmo autor. A presente edição, embora modesta na apresentação gráfica, teve sua distribuição efetuada em todos os países da América do Sul, e ainda na Europa, Africa, Estados Unidos e América Central. Explica-se: a crônica principal do livro, "A Prece de um Juiz", aparece publicada, além do português, nos seguintes idiomas: alemão ("Das Gebet eines Richters"); inglês ("The Judge's Prayer"); italiano ("La Preghiera del Giudice"); espanhol ("La Oracion de un Juez") e francês ("Prière d'un Juge"). Seguem-se as seguintes crônicas e poesias, somente em português: "Carta à minha mãe morta", "Obrigado, Papai" (crônicas), "Oração do Menor Abandonado", "Tu Mulher" e "Professor" (poesias). A obra literária enfeitada nesta edição abrange vários anos da atividade literária do autor. Assim, vamos encontrar crônicas escritas em 1968 e 1972; poesias de 1969 e 1974.

Além de "O Sonho e a Glória", Medeiros Vieira já publicou mais os seguintes livros: "Mater" (crônicas - 1952); "Diário de um Agente Itinerante" (impressões de viagem - 1969) e "Primícias e Evocações" (poesias - 1953), além de ensaios e crônicas, divulgadas em vários jornais e revistas.

ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS de Jaldyr B. Faustino da Silva e Ayrton Capella — Editora Lunardelli — 1975.

Este livro está aparecendo em sua 2ª edição, já revista e atualizada. Atualizada, porque a matéria envolve assuntos que constantemente estão sendo estudados e reformulados. Um compêndio desta natureza, que engloba problemas brasileiros e os órgãos encarregados das soluções, é elemento de grande utilidade, especialmente para as nossas Universidades. Faustino da Silva e Ayrton Capella dividem sua obra nos seguintes títulos; "A Constituição Brasileira", "Objetivos Nacionais", "Poder Nacional", "Segurança Nacional" e "Guerras Modernas/Guerra Revolucionária".

No final do livro, como anexos, aparecem os organogramas da Presidência da República e dos vários Ministérios, responsáveis pela manutenção do nosso bem estar social. O desenho da capa é de Orlandivo Nocetti Júnior.

CONSTITUIÇÃO E ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DE SANTA CATARINA de José Aleixo Delagnello — Editora Lunardelli.

O livro reproduz os 2 textos legais, com uma grande vantagem. Deixemos que o próprio autor esclareça porque: 'Inúmeras vezes vai o funcionário público estadual em busca das determinações próprias de sua profissão. Nem sempre lhe é fácil encontrar o dispositivo legal procurado. Quando o encontra ainda persiste a dúvida. Não terá havido alguma alteração ou modificação? Para facilitar a busca da lei e para oferecer ao funcionário a certeza de que o dispositivo procurado é o que está em vigor, é que nos propusemos lançar esta publicação.' E mais adiante, escreve Dellagnello: "Os acréscimos, modificações e alterações posteriores estão inseridos no local próprio, após o artigo ao qual se referem ou que modificam."

Mais uma vez, Orlandivo Nocetti Júnior aparece como autor da capa, com um trabalho interessante e sugestivo.

CENTRO CÍVICO — NORMAS PARA IMPLANTAÇÃO de Nilton Severo da Costa e Celestino Roque Secco — Editoras Obelisco / Lunardelli — 1973.

Os autores dedicam esta obra aos componentes da Comunidade Escolar do Instituto Estadual de Educação, de Florianópolis. Foi exatamente nesse estabelecimento de ensino que Severo da Costa e Roque Secco implantaram, com o auxílio do corpo diretivo, o Centro Cívico Professor Milton Roque Ramos Krieger.

O livro foi escrito de maneira simples e didática, visando fornecer subsídios aos diretores de escolas de 1º e 2º graus e aos professores de Educação Moral e Cívica, para a implantação de Centros Cívicos Escolares. Todas as diretrizes traçadas pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, estão reproduzidas neste importante trabalho. Leitura obrigatória para os mestres da matéria abordada.

OS PECADOS IMORTAIS de Geraldo Luz — Edição da Fundação “Casa Dr. Blumenau” — 1975.

A Fundação Casa Dr. Blumenau, dando pleno apôio ao movimento editorial barriga-verde, acaba de editar o mais recente trabalho do conhecido jornalista Geraldo Luz,

Em “Os Pecados Imortais” estão presentes 9 poesias sob o título “Ladainha Sem Nossa Senhora” e mais 10, enfeixadas a um outro título: “Em Espiral Ascendente”.

O autor, Geraldo Luz, é bastante conhecido. Jornalista, professor, poeta e ensaísta, tem se destacado com raro brilhantismo nas letras catarinenses,

Com este trabalho, podemos afirmar que Geraldo Luz encontra sua plena afirmação no cenário poético não só de Santa Catarina, mas do Brasil.

Seus versos são simples e inspirados; transmitem emoções e sentimentos, São alegres ou tristes; doces e amargos.

Às vezes ele revela uma certa tendência para o surreal e para o fantástico, quando escreve: “Minha voz comendo morte / é guilhotina de prata / executando sem dor / as mulheres sem beleza.”

Mesmo para aqueles que não apreciam poesia, “Os Pecados Imortais” é leitura recomendável. Além da inspiração do autor, que justifica plenamente o lançamento, revela um novo poeta catarinense.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS — Em breve deverá ser colocado à venda o livro “O Conflito dos Séculos”, de Arnaldo S. Thiago, em que o autor faz um apelo aos governos de todos os países, no sentido de ser aproximada a Paz Universal. A chancela será da Editora Lunardelli.



FREI FRANCISCO DE S. CARLOS

(Dos “Alfarrábios” de J. Mendes da Costa Rodrigues)

Distinto poeta era também Frei Francisco de S. Carlos, abalizado pregador e uma das glórias oratórias do convento dos Franciscanos desta cidade do Rio de Janeiro.

Subindo uma vez a tribuna sagrada, viu ao ajoelhar-se, o retrato de uma formosa moça, colocado a um lado do púlpito e tendo a seguinte inscrição: “O que farias, padre, si encontrasses esta moça no teu púlpito?”

S. Carlos, levantando-se tranquilo e sem perturbar-se, exclamou em alta voz: “O que faria não sei, o que devia fazer era, Padre, Filho, Espírito Santo, amen.” E assim começou o seu sermão.

Na sua cela entrou um dia um frade, seu irmão e disse-lhe: “Frei S. Carlos, estou sem ter um livro que ler.” “E o que fazes da Bíblia, meu Padre?” perguntou-lhe S. Carlos.

Frei Francisco de S. Carlos é o autor do Salmo: “Assunção”, impresso em 1862 em que cantou a Gloria de Nossa Mãe, Maria Santíssima.

Só quem tem a dita de ler esta obra de tão grande merecimento, por duas razões, a 1ª pela Gloria da Virgem Maria. A 2ª pelo merecimento poético em que está escrita.

Bibliografia em Língua Alemã Sobre Santa Catarina

ALOMA SUTTER

(Continuação do número anterior)

FRITZ MÜLLERS WERKE, BRIEFE UND LEBEN — (Obras de F. Müller, cartas e vida) -- Gesammelt und herausgegeben von Alfred Möller, Jena, Verlag von Gustav Fischer, 1915. 5 volumes, muitas ilustrações e gravuras. Contém trabalhos do sábio, esparsos por várias revistas e jornais. Muitos deles escritos no Vale do Itajaí.

MÜLLER, Fritz AUS DEM LEBEN EINES DEUTSCHEN KOLONISATORS UND NATURFORSCHERS — (Da vida de um colono e botânico alemão) -- Auto biografia de F. Müller, "Das Ausland", Wochenschrift für Erd und Völkerkunde. Herausgegeben von Siegmund Guenther Stuttgart, 1892, páginas 631/34, ano 65, nº 40. Cópia feita pelo Inst. Hans Staden, S. Paulo.

NIEMEYER, Ernesto DEUTSCHE ARBEIT IN BRASILIEN — (Trabalho alemão no Brasil) -- In "Das Echo", de 5 de abril de 1929, nº 2386, páginas 566/67.

NIEMEYER, J. O. L. DIE KOLONIE DONA FRANCISCA — (A colônia D. Francisca) -- In "Petermann's Geographische Mitteilungen", nº 61 de 1861.

OBERACKER, Jr, Karl Heinrich DER DEUTSCHE BEITRAG ZUM AUFBAU DER BRASILIANISCHEN NATION — (A contribuição alemã para a edificação da nação brasileira) - 1955 -- Herder Editora Livraria Ltda, S. Paulo, 448 páginas. Referências ao Vale do Itajaí, ao Dr. Blumenau, aos irmãos Konder, a Fritz Müller, etc.

OLIVEIRA, Plínio Correia de DIE FREIHEIT DER KIRCHE IM KOMMUNISTISCHEN STAAT — (A liberdade da Igreja num Estado Comunista) -- 50 páginas. Tip. Blumenauense, Blumenau, 1965.

PERIÓDICOS 1 — DER HANSABOTE -- (O Mensageiro da Hansa) -- Editor Paulo Aldinger. Vários anos a partir de 1904 até 1912 -- Blumenau.

2 — DEUTSCH-BRASILIANISCHE JUGEND-ZEITUNG — (Jornal da Juventude Teuto-brasileira) -- Ed. Annie Brunner - Ed. Cristal, Blumenau.

3 — KOLONIE ZEITUNG UND ANZEIGER DONA FRANCISCA UND BLUMENAU — (Jornal da colônia Dona Francisca e Blumenau) -- Diretor Ottokar Dörffel. Vários n^{os}, a partir de 1862 até 1865 -- Joinville.

PLÜSCHOW, Gunther SILBERKONDOR ÜBER FEUERLAND — (Condor Prateado sobre a Terra do Fogo) -- Verlag Ullstein, Berlin, 1936. 242 páginas. ilustrações. Na sua viagem à Terra do Fogo, o autor esteve em Blumenau, tendo visitado, também o "Posto Duque de Caxias".

BEI DEN BOTOKUDEN — (Com os Botocudos) -- Série de três artigos no "Berliner Illustrierte Zeitung", de Berlin, Al., n^{os} 45 a 47, de novembro de 1928, com muitas ilustrações. Visita do autor ao P. D. de Caxias de Rio Plate. Há alguma fantasia na narração.

POECK, Wilhelm DIE BEIDEN GLOCKEN — (Os dois sinos) -- Conto -- 16 páginas. Tipografia ED. de G. A. Koehler, Blumenau.

POHL, Henrich STRUKTURPROBLEME EINER NEUEN UNIVERSITÄT UNTER DER BRASILIANISCHEN HOCHSCHULEREFORM — (Problemas estruturais de uma nova universidade sob o regime da reforma universitária brasileira) -- Arbeitsunterlage 32/33 zur Lateinamerika-Forschung. Dortmund. Maio de 1970. 160 páginas. (Análise da situação universitária em SC).

PÖPPER, Heinrich MIT DEM SEGELSCHIFF NACH BRASILIEN — (Com o veleiro para o Brasil) -- Erinnerung an eine stürmische Überfahrt im Jahre 1869, in 91 Tagen (Inédito).

PRESTIEN, Johan August DAS ANSIEDLERLEBEN IN DER KOLONIE BLUMENAU — (A vida dos colonizadores na colônia Blumenau) -- Eine Skizze von Johan A. Prestien. Leipzig. Bei Franz Wagner, 1859 -- Impresso em Rudolfstadt, Alemanha.

RATH, Karl DIE SANBAKIS ODER MUSCHELHÜGELGRÄBER BRASILIENS — (Os sambaquis do Brasil) -- In "Globus", págs. 193/198 e 214/218. Braunschweig, 1874.

RODOWICZ-OSWIECINSKY, Th, DIE KOLONIE DONA FRANCISCA IN SÜD-BRASILIE. BEITRÄGE ZUR CHRONIK DERSELBEN IN VERBINDUNG MIT ANDEREN NOTIZEN UND MEHR ALS 50 ABBILDUNGEN — (A Colônia D. Francisca no sul do Brasil. Contribuição para a crônica da mesma, com outras notícias e mais de 50 ilustrações) — Hamburg, 1853, in 8º.

ROLOF, von Ernst August HERMANN BLUMENAU — Ein Deutscher Koloniegründer. Verlag A. From Osnabruek. Volume 10 da coleção "Schoepferische Niederdeutsche" - 72 págs.

RUHE, von Rudolf DIE BEZIEHUNGEN GUNTHER FROEBELS ZU HERMANN BLUMENAU UND DIE AUSWANDERUNG NACH BRASILIEN — (As relações de G. Froebels com Hermann Blumenau e a emigração para o Brasil) — Separata dos nºs 5/6 e 7/8 de "Rudolfstädter Heimathefte" nº 10. Jahrgang, págs. 101/108 e 149/154. 14 págs.

SALLENTIEN, Franz DIE PROVINZ SANTA CATARINA IN SÜD-BRASILIE — (A Província Sta. Catarina no sul do Brasil) — Publicado no nº 1 de janeiro de 1853, do Mitteilungen-betreffend die Deutsche Kolonie D. Francisca, de Hamburgo, págs. 1 a 7.

SCHADEN, Egon KULTURWANDEL UND MESSIANISMUS BEI INDIANERN BRASILIENS — (Mudança cultural e trabalho missionário junto aos indígenas do Brasil) — Separata do "Staden-Jahrbuch", págs. 9 a 20. Instituto Hans Staden, S. Paulo, 1971.

SCHLEIFF, Victor DIE SCHUETZENGESELLSCHAFT BLUMENAU FEIERT IHR 75 JÄRIGES BESTEHEN — (A Sociedade dos Atiradores de Blumenau festeja seus 75 anos de fundação) — Apud "Volk und Heimat". — Almanaque. São Paulo, págs. 305 a 309.

UNSER IST HEUTE DER TAG — (Nosso é o dia de hoje) — Livrinho comemorativo ao Dia do Colono — Julho 1937. Tip. G. A. Koehler, 50 páginas.

ZUR GESCHICHTE NEU-BRESLAUS — (Para a história de Nova Breslau) — Apud "Blumenauer Volkskalender", 1933, folhas 67 a 72.

FESTCHRIFT ZUM 25 JÄRIGEN BESTEHEN DES STADTPLATZES UND DER SCHULE NEU-BRESLAU —

(Relatório do 25º ano de fundação da cidade e da escola de Nova Breslau) -- 16 páginas. Tip. do "Der Urwaldsbote", Blumenau, 1929. No mesmo folheto ainda: "Neu-Breslau, 1904-1929" -- "Alte und Neue Heimat" -- "Letzter Wunsch" (poesias) e "Aus dem Kolonisten Leben".

DIE ERSTEN EINWANDERER — (Os primeiros imigrantes) -- Poesia -- "Livro do Centenário de Blumenau".

SCHMITT, Frei Solano O. F. M. LOSE BLÄTTER AUS DER MAPPE EINES MISSIONSVETERANEN — (Folhetos de arquivo de um veterano missionário). -- Apud "Vita-Franciscana", nº 2, setembro de 1937, página 108 e seguintes. Reminiscências nos sertões do PR e SC.

SCHMITT, Solano DIE ÜBERSCHWEMMUNG IN BLUMENAU — (A inundação em Blumenau) -- Sobre a enchente de 1911 em Blumenau. In "Der Familienfreund", Anuário católico, edição 1913.

SCHRAMM, Percy Ernst HERMANN BLUMENAU, DER GRUENDER DER SIEDLUNGSKOLONIE BLUMENAU — (H. Blumenau, o fundador da Colônia Blumenau) -- Seine Anfänge in Brasilien nach Briefen an Seine Familie (1846-1850). In "Jahrbuch für Geschichte von Staat-Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas" Band 4, 1967, Bohlan Verlag. Koeln Grass. Sonderdruck, páginas 629-656.

SCHARTZER, Paulo TAGEBUCH — (Diário) — 1862/64. Datilografado. Inédito. 35 páginas.

SCWEITZER, Erwin WER SPIELT DIE ORGEL VON SÃO PAULO? — (Quem toca o órgão de S. Paulo?) -- Erlebnisse einer Brasilienreise -- Verlag Herder-Freiburg, 208 páginas. O autor que é sacerdote católico, faz uma viagem ao Brasil em visita aos seus pais. Escreve sobre os lugares que visitou, inclusive Blumenau e outras localidades do Vale do Itajaí.

SINZIG, Frei Pedro NACH 30 JAHREN — (Depois de 30 anos) -- Vierte Chronik (1915-1921) der Südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis -- Frei Petrus Sinzig, O. F. M. -- Curitiba - PR. Verlag des Franziskanerprovinzialats. Freiburg im Brisgan, Herder & Cia. Verlagsbuchhandlung. 200 páginas, com ilustrações. Informes sobre a atuação dos franciscanos nos conventos do Vale do Itajaí.

DIE FAMILIE ALS HÜTERIN DER DEUTSCHEN SPRACHE UND SITTE — (A Família como guardiã da língua e dos costumes alemães) — In “Primeiro Congresso Católico de Blumenau”. Páginas 97 a 106. Sem editora e data de publicação.

SMOLKA, Georg AUSWANDERER — (Emigrante) — Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung-Herausgegeben von Hermann von Freden und Georg Smolka. Bibliographisches Institut A. G. Leipzig, 1937. 184 páginas.

STEINEN, Karl von der UNTER DEN NATURVÖLKERN ZENTRAL-BRASILIENS — (Em meio aos povos indígenas do Brasil) — Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schungri-Expedition, 1887-1888. Berlin, 1894. Geographische Verlagsbuchhandlung von Dietrich Reimer. 572 páginas. Há referências à Blumenau e ao Dr. Fritz Müller. Muitas ilustrações e um mapa.

STEINER, von Wilhelm BRASILIANISCHES BILDERBUCH — (Livro ilustrado brasileiro) 1928 — Verlag von Ernst Reinhardt in München. 96 páginas de textos e fotos. Descreve uma viagem ao Brasil. Fala em Blumenau e no Vale do Itajaí.

STERNE, Carus ERINNERUNG AN FRITZ MÜLLER — (Recordações de Fritz Müller) — Suplemento Dominical (Sontagsbeilage) nº 22 do Vossischen Zeitung, de 30 de maio de 1897.

STUTZER, Gustavo IN DEUTSCHLAND UND BRASILIEN — (Na Alemanha e no Brasil) — (Recordações). 415 páginas. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung, Braunschweig, 1930. Com fotografias do autor.

DAS ITAJAHY-TAL UND DAS MUNICIPIUM BLUMENAU IN SÜD-BRASILIEN — (O Vale do Itajaí e o Município de Blumenau no sul do Brasil); — Zweite, von “Kulturvereine” in Blumenau deutschgesehene Auflage. 144 páginas com um mapa. Goslar am Harz. Verlag von Ludwig Koch, 1891.

STUTZER, Therese AM RANDE DES BRASILIANISCHEN URWALDES — (Na orla da mata virgem brasileira) — Erzählungen — 10. Auflage, Helmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W. Maus) Braunschweig, 1924, 144 páginas. O livro enfeixa 5 contos, todos passados em Blumenau, onde

a autora residiu por algum tempo com seu marido, o pastor Gustavo Stutzer.

SUDHAUS, Fritz DEUTSCHLAND UND DIE AUSWANDERUNG NACH BRASILIEN IM 19. JAHRHUNDERT — (Alemanha e a emigração para o Brasil no século XIX) — Hamburg, H. Cristians, 1940, 191 páginas.

TIBURTIUS, Guilherme SCHMUCKGEGENSTÄNDE AUS DEN MUSCHELBERGEN VON PARANÁ UND SANTA CATARINA, SÜDBRASILIEN — (Objetos de adorno dos sambaquis do PR. e SC, sul do Brasil) — In "Pesquisas", Órgão do Instituto Anchieta de Pesquisas, nº 6, 1960. Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 61 págs.

TSCHUDI, João Jacob von REISEN DURCH SÜD-AMERIKA — (Viagens através da América do Sul) — Mit zahlreichen Abbildungen in Holzschnitt mit lithographierten Karten. 1º tomo, 307 páginas; 2º tomo, 381 páginas; 3º tomo, 429 páginas; 4º tomo, 320 páginas e 5º tomo, 416 páginas. Muitas ilustrações.

ULLMANN, Hermann BRASILIANISCHER SOMMER (Verão Brasileiro) — Verlag Greuze und Ausland Berlin W-30 und Stuttgart, 128 páginas. Refere-se à Blumenau, Posto D. Caxias e Vale do Itajaí.

VIRGHON, Rudolf ÜBER DIE MUSCHELBERGE VON DONA FRANCISCA (BRASILIEN) — (Sobre os sambaquis de D. Francisca-Brasil) — In "Zeitschrift für Ethnologie", IV, pág. 189/191, Berlim 1872.

VON DER STEINEN, Karl UNTER DEN NATURVÖLKERN ZENTRAL-BRASILIENS — (Entre os indígenas do Brasil Central) — Zweite Schingú-Expedition, 1887-88. Com ilustrações e um mapa. Berlin 1894. Geographische Verlagsbuchhandlung von Dietrich Reiner. 572 páginas. Referências à Blumenau com notas sobre F. Müller.

WEIDMANN, Adolfo BERICHT VON DEN KAUKÁSISCHEN FLÜCHTLINGEN IN BRASILIEN — (Notícia sobre fugitivos do Cáucaso no Brasil) — 103 páginas. Impresso na Gráfica Elite Ltda, Curitiba, PR — s/ data.

WEISSENBRUCH, von A. EINIGE RATSCHLÄGE ZUR ANSIEDLUNG DER DEUTSCHRUSSEN-FLÜCHTLINGE

IN DER HANSA — (Conselhos sobre a colonização das terras da Hansa pelos imigrantes russos-alemães, fugitivos). Junho 1930, Tipografia Carl Wahle, Blumenau, 12 páginas.

WERNER, Otto AUF EINER HOLZSCHNEIDEMÜHLE IM BRASILIANISCHEN URWALD — (Numa serraria na mata virgem do Brasil) — Publicado em “Kosmos” e reproduzido em “Mitteilungen”, órgão de “Deutschen Schulvereins” für Sta. Catarina, de Blumenau, nº 10 de 1916.

WETTEKAMP, Dr. W. FRITZ MÜLLER — Artigo em “Die Natur”, nº 13 de 20 de março de 1891, de Halle, página 149.

WETTSTEIN, Karl Alexander MIT JUNGEN DEUTSCHEN KOLONISTEN DURCH DEN BRASILIANISCHEN URWALD — (Com jovens colonos através da mata virgem brasileira) -- Selbst erlebtes. Eine Reise nach und durch Süd-Brasilien und seine deutschvölkischen Kolonien. Dr. K. A. Wettstein. Oberleutnant. Mit 22 Abbildungen, 19 Tafeln und einer Karte. Leipzig, Frederich Engelmann, Verlagsbuchhandlung.

WUSTMANN, Erich WEITER WEG IN TROPENGLUT — (Longo caminho na brasa tropical) -- 36.000 Kilometer durch Brasilien. Neumanns Verlag. 267 páginas, com muitas ilustrações. Publicado em 1957. Leipzig. Referências à Blumenau e ao Vale do Itajaí.

WÜSTNER, Fritz KIRCHENGEMEINDE JOINVILLE — EVANGELISCHES BEKENNEN IN SCHWACHHEIT UND KRAFT — (Comunidade eclesiástica de Joinville -- Confissões evangélicas na fraqueza e na força) -- 1851-1951 -- 93 páginas - Tipografia Rotermund e Cia. -- São Leopoldo - RS - 1951.



O VISCONDE DE TAUNAY, autor de “*A Retirada de Laguna*” e de “*Inocencia*”. intercedeu, frequente e francamente, em favor do Dr. Blumenau e de sua obra. Pelas viagens por ele realizadas e como presidente da Província de Santa Catarina, 1876-1877, teve ensejo de verificar a importância da imigração e os defeitos que entravavam sua solução. Lutou, desde 1876, por uma solução fundamental do problema e reclamou largas reformas, para que o imigrante encontrasse no País condições favoráveis a uma vida estável e livre, tais como a grande naturalização, o casamento religioso misto e a liberdade de culto. Onde notava situações inconvenientes, ele as criticava com freqüência, sempre empenhado em prestar assim um serviço à Pátria.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
O Mensário "O LEITOR"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —
Isolde Hering d' Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*



TOALHAS ARTEX

a moda em toalha